



**PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. São Paulo: Contexto, 2014, p. 396. ISBN 978-85-7244-863.**

Sonia Maria de Souza Brito

A historiadora – doutora em Ciências Sociais, autora, coautora e organizadora de livros como *História das Mulheres no Brasil* e *Nova História das Mulheres no Brasil* – Carla Pinsky, traz, nesse livro da Editora Contexto, mais uma interessante e importante discussão histórica em torno da questão de gênero. Apresentando gênero como construção cultural do que é entendido pela sociedade como diferença sexual, discute a percepção de *ser homem* e *ser mulher* como conceitos históricos e, como tais, capazes de variar em cada contexto social.

Na trilha da história social, imerge nas páginas de publicações das décadas de 40, 50 e 60 do século XX, – período denominado de “Anos Dourados” – como *Jornal das Moças*, *Claudia*, *Querida* e *O Cruzeiro*, para desvendar as ideias a respeito dos papéis femininos e masculinos. Tratando-as como fontes históricas, traz a tona preciosas informações sobre a vida, o cotidiano, as relações, as ideias e as construções sociais e ideológicas das mulheres e homens do Brasil, naquele contexto histórico.

No repertório das revistas femininas dos Anos Dourados os assuntos que mais interessam às mulheres são aqueles ligados aos valores tradicionais da família, à beleza e virtudes da maternidade e, principalmente, à valorização da dedicação das mulheres ao lar. Do casamento aos conselhos de como agradar os maridos, da maternidade à educação dos filhos, da decoração à

limpeza da casa, assim como etiqueta, moda, culinária, o universo dos assuntos vão se compondo de modo a valorizar a estabilidade da família brasileira e os *bons costumes*. No semanário *Jornal das Moças*, publicado desde o início do século XX, ou nas revistas mais contemporâneas, como *Querida* (1953) e *Claudia* (1961), apesar do ar de modernidade que emana dessas últimas publicações, os conteúdos são sempre aqueles que valorizam um ideal tradicional de mulher dedicada ao lar, ao casamento e à maternidade.

Propondo reproduzir os valores tradicionais, embora algumas mudanças na postura feminina já fossem sentidas e até veiculadas nas mais novas dessas publicações, as revistas desenvolveram campanhas moralizadoras, pautadas em um modelo de educação onde as mulheres deveriam valorizar a pureza e a castidade até o casamento. Com valores plenamente adaptados ao modelo de vida burguês que começava a se consolidar no país, as revistas femininas veiculavam um ideal de mulher branca, de classe média, com capacidade de consumo e uma ideia de felicidade associada à aquisição de bens e a um estilo de vida marcado pelo consumismo.

As revistas dos Anos Dourados apresentavam um discurso que identificava suas leitoras a esse novo modelo de vida, buscava discipliná-las e enquadrá-las nas relações de poder existentes. Funcionavam, assim, como construtoras de um novo estilo de feminilidade,

sem fugir aos velhos padrões do feminino e do masculino, estabelecendo uma coexistência, às vezes bastante contraditória, entre os valores capitalistas e as normas patriarcais.

A mais velha dessas publicações, o *Jornal das Moças*, é a que mais reproduz os padrões e normas do patriarcado. Em seus artigos e contos repassam a imagem de moças ingênuas, puras, que podem facilmente ser *desviadas* para um *mau caminho*. Por isso, defendia a revista, elas precisavam ser *guiadas* pelos pais, atentos às *más influências* que vinham de todas as partes, em particular do cinema ou da literatura estrangeira, veiculando imagens de moças *muito livres e com iniciativa própria*.

Apesar de reconhecer que os tempos mudaram e que os comportamentos femininos não podiam ser mais os mesmos do início do século, o *Jornal das Moças* continua a identificar o casamento como o destino natural de todas as *moças de família*. As demais, denominadas de *garotas de programa*, não eram consideradas apropriadas para o casamento: eram aquelas que todos os homens desejavam *pegar*, mas nunca casar. Em atitudes didáticas, o semanário alerta as garotas para os riscos que a modernidade oferece ao modelo de esposa que todo homem espera e deseja e, embora incentive alguns hábitos identificados com os novos tempos, reprime os comportamentos *libertários* para as mulheres que pretendem seguir o rumo natural da vida e se tornarem esposas e mães.

Questões como flerte, namoro e noivado são temas recorrentes em todas as publicações dos Anos Dourados. Embora sejam perceptíveis diferenças na forma de lidar com eles, todas as revistas os tratam como instrumentos que devem ser utilizados pelas mulheres para atingirem seu objetivo maior: o casamento. Do *Jornal das Moças* à *Claudia*, o discurso é sempre de que as jovens devem buscar adotar um comportamento que encante os homens, que lhes ofereça segurança e lhes impulsionem ao casamento.

Nas revistas dos anos 40 e 50, como o *Jornal das Moças* e *Querida*, o namoro é a etapa de conhecimento e avaliação do outro. Por isso, aconselham as meninas a fugirem de *familiaridades excessivas* ou *intimidades silenciosas*, a repelirem os rapazes *afritos*, a serem cautelosas e a nunca cederem aos encantos imediatos,

considerados inimigos dos relacionamentos estáveis e dos compromissos sérios.

Nos anos 60, *Claudia* já apresenta um discurso um pouco mais liberal, sinal dos novos tempos. Entretanto, mantém o pressuposto de que a jovem deve ser *contida*, mantendo sua sexualidade dentro de determinados limites morais e que o flerte pode colocá-la diante de grande ameaça a um futuro promissor: a perda da virgindade. Esta, inclusive, considerada por todas as revistas do período, condição irrefutável para este futuro e passaporte para um bom casamento.

Esta moral sexual persiste, apesar das mudanças ocorridas na sociedade brasileira na primeira metade do século XX. A ideia de que a virgindade deveria ser preservada e que os homens não aceitam casar com mulheres *defloradas* continua sendo veiculada nas revistas. Virtude, pureza e honra femininas são conceitos que aparecem em todas as publicações, demonstrando a continuidade de valores patriarcais, que também podem ser observados no incentivo aos homens pelo interesse ao sexo desde a adolescência. Para estes, os valores da masculinidade como grande quantidade de relações heterossexuais, inclusive fora do casamento, não só é liberada como estimulada.

Considerado evolução natural do namoro, o noivado é apresentado como o mais importante passo para o casamento. Devendo se preparar para ele, a noiva deve cuidar de montar o enxoval da casa, mas também de observar o comportamento do futuro marido, tendo a opção do rompimento em caso de companheiros violentos. Na etapa seguinte, a do casamento, isto já não era possível: todas as publicações defendem a indissolubilidade do casamento.

A grande preocupação nesse período do relacionamento, de acordo com as revistas, é o aumento da intimidade, que incide da natural maior liberdade dada aos noivos pelos pais das jovens. Para evitar este risco e sua principal consequência, a perda da virgindade, as noivas devem ser responsáveis em conter os *impulsos naturais* masculinos, empreendendo todos os esforços para manter-se dentro da moralidade e evitar as relações sexuais antes do casamento. Para isso, as meninas deveriam ser contidas e responsáveis por não colocar seus noivos em situação difícil, pois

sendo homens não podem ser responsabilizados pelas intimidades do casal.

Apesar da recorrência desses temas, o discurso não era apresentado de forma clara: o tema sexo continua sendo tabu nos Anos Dourados. Entretanto, as editoras mantinham profissionais, como médicos, educadores e até religiosos que, nas diversas sessões das revistas, buscavam orientar e divulgar as bases morais e as regras de comportamento adequadas às mulheres da época. São inúmeros os manuais carregados de preconceitos, sempre muito moralistas e com o objetivo claro de preparar as meninas para o casamento e para a maternidade.

Os subterfúgios utilizados pelas revistas para falar desses temas só não aparecem em *Claudia*, que já utilizava, claramente, expressões como *virgindade* e *experiências pré-conjugais* em diferentes seções. A clareza, entretanto, não determinava uma mudança nos padrões morais, ao contrário era utilizada para reforçar a importância da manutenção da virgindade e da *pureza feminina* até o casamento, ou para garantir a aceitação à tradição e aos princípios religiosos.

Como resultados do acesso dos jovens brasileiros às novas produções artísticas, como o cinema e os movimentos musicais, geralmente oriundos dos Estados Unidos, algumas mudanças são percebidas nos comportamentos familiares, a partir da década de 1950. Responsáveis por alguns avanços libertários no discurso de algumas das revistas analisadas, particularmente em *Claudia*, essas mudanças se refletem em conselhos sutis de como as meninas podem tratar certas *intransigências dos pais* que não lhes deixam sair sozinhas, não aceitam namoros etc. Entretanto, mesmo na década de 1960, as revistas aconselham, na maior parte do discurso, o respeito à autoridade dos pais, a convivência harmoniosa e o não enfrentamento às suas decisões.

No que concerne aos desejos das jovens, as publicações são unânimes em definir o casamento como seu maior objetivo, mesmo quando junto a ele aparecem novos valores como *liberdade e igualdade*. Embora o ideal revolucionário pareça fazer parte do rol dos interesses das jovens brasileiras, os sonhos burgueses da comodidade de um casamento feliz, dos filhos e de uma vida tranquila continuam sendo

destacados, em várias enquetes realizadas por *Claudia*, como finalidades das garotas ditas libertárias.

O acesso das mulheres ao mercado de trabalho também é tratado pelas revistas femininas dos Anos Dourados. *Jornal das Moças* critica a mulher casada que trabalha, na década de 1940 e início dos anos de 1950, por entender que a consequência natural disto é o abandono aos afazeres domésticos. O trabalho seria indicado apenas para as mulheres solteiras e que estavam, em razão de sua personalidade, destinadas a ficarem assim, por não serem aptas ao casamento e à maternidade. Mudando o discurso, a partir da segunda metade da década de 1950, o *Jornal das Moças* admite o trabalho feminino como uma realidade, contanto que as mulheres não se sujeitem a trabalhos masculinos, não descuidem da aparência e conciliem com as *necessidades do lar*. Mesmo a revista *Querida*, que apresenta um discurso mais liberal e admite a legitimidade do desejo da mulher trabalhar, é implacável em argumentar em favor dos maridos quando esses se queixam das esposas que trabalham fora.

A profissão mais indicada para as meninas, pelas publicações femininas, é sempre a de professora, mas mesmo essa é apresentada como segunda opção, sendo a primeira e natural a de dona de casa, esposa e mãe. Também os estudos são vistos como uma preocupação. Embora os considerem como um fato que os homens não podem mais contestar, é comum nas páginas de *Jornal da Moça* e de *Querida* a preocupação com os *perigos* que a instrução e a inteligência podem representar para o casamento. Assim, alertam às meninas de que a *mulher culta* enfrenta grande dificuldade de arranjar um *bom casamento*.

Para Pinsky, o fato de ter sido lançada numa época em que o trabalho feminino se encontrava num estágio mais avançado deu a *Claudia* uma posição diferenciada, em relação às demais publicações. Seu discurso apresenta-se ambíguo, com opiniões bastante heterogêneas sobre essa questão e reproduz, muitas vezes, um ideal de mulher distante da realidade econômica do país: embora incentive a escolarização das mulheres, o faz alegando que esta favorece um melhor desempenho das funções domésticas e da formação dos filhos; apesar de reconhecer a necessidade do trabalho feminino, só o admite se for

para colaborar com o marido nos *difíceis tempos iniciais do matrimônio* e não por realização pessoal. Em outros momentos reconhece o aumento das atividades para as mulheres casadas que trabalham fora, por terem que acrescentar a estas as tarefas de casa, mas não discute a questão de uma possível divisão das tarefas domésticas com os homens. Entretanto, apresenta-se como diferencial em relações às outras publicações por refletir sobre questões de gênero, ao tratar das profissões escolhidas por garotos e garotas, demonstrando as diferenças nas remunerações, status social e poder.

Em completa sintonia com as leis em vigor no Brasil, as publicações não avançam no sentido de transformar os papéis designados às mulheres e homens dentro do casamento. A elas cabem tarefas de cozinhar, limpar, lavar, passar e cuidar dos filhos, enquanto os maridos devem ser responsáveis em manter financeiramente a família e, dentro de casa, pelos pequenos concertos e pelas tarefas esporádicas que exijam força física. Consideram o trabalho de casa como algo que não cabe aos homens e, por isto, apenas uma *delicadeza* do marido em momentos muito especiais.

Também tratam as mulheres como as grandes responsáveis pela felicidade conjugal, sempre na perspectiva de satisfazer o marido, deixando-o feliz e realizado com o casamento. Mesmo em *Claudia*, onde já é possível observar mudanças na designação da responsabilidade pela *harmonia conjugal*, que passa a não ser apenas da esposa, esta deve empreender maior esforço para promover o bem-estar e a felicidade da família. Para isto, as mulheres devem desempenhar bem as atividades domésticas, cuidar das aparências, agradar os maridos.

A autora observa a forma como as revistas do período responsabilizam as mulheres por questões como: satisfazer e contentar seus esposos em todas as suas demandas; manter-se equilibradas e emocionalmente controladas para não contrariá-los e não levá-los a rompantes, destemperos e atos de violência, considerados como próprios à natureza masculina; garantir sossego e liberdade aos maridos; amá-los incondicionalmente e fazer o que for possível para serem amadas.

Pinsky observa que as revistas, embora sejam unânimes em enfatizar que as mulheres são poderosas, valorizam como positivas representações desse poder como as capacidades de administrar o lar, de usar o *jeitinho feminino* para encantar, valorizar, mas também manobrar e direcionar o marido para aquilo que entendem como o melhor para a família e para o casal. Elas continuam destacando representações femininas que: ratificam a posição da mulher como a *rainha do lar* e desqualificam a mão de obra feminina, afastando as mulheres da classe média do mercado de trabalho e reforçando sua dependência financeira ao esposo.

Continuam definindo as mulheres como responsáveis pela formação da família, cabendo-lhes garantir através da maternidade, considerada a *sagrada missão feminina*, a felicidade dos maridos. As mulheres devem relevar todo tipo de problemas que possam levar ao desquite, mantendo a família unida e harmoniosa. Para isso, devem abrir mão da sua própria sexualidade, acatar e relevar a infidelidade e as aventuras extraconjugais dos maridos, consideradas como natural ao gênero masculino, evitar o ciúme e manifestações descompensadas que possam colocar em risco a tão valorizada harmonia do lar.

Para a autora, a questão do divórcio foi pauta dos debates nacionais durante todo esse período, constatando que, a partir do final da década de 1950, a possibilidade de dissolução do casamento aparece em todas as revistas femininas. Seja em *Jornal das Moças*, comprovadamente mais conservadora, em *Querida*, considerada mais ousada, ou em *Claudia*, destacada como mais moderna e avançada, casamento e família continuaram sendo apresentados como fundamentais na vida da mulher e portando, colocavam nela a responsabilidade por evitar, de todas as formas possíveis, a dissolução dos sagrados vínculos do matrimônio.

Em sua análise das revistas que compõem o cenário feminino dos chamados Anos Dourados, Pinsky apresenta na seção final do livro, com o título de *Novas propostas*, a forma como os textos de Carmem e Silva da revista *Claudia*, se destacam como indicadoras de propostas inovadoras, ao se preocupar em mostrar para as mulheres brasileiras possibilidades concretas de estabelecerem o que chama de *uma vida melhor*, através do autoconhecimento, uma integração

satisfatória entre a vida doméstica e extraluar e maior diálogo com os homens.

Em sua conclusão, a autora ratifica que as revistas femininas dialogavam com o seu tempo, acompanhando as mudanças ocorridas na sociedade, sem, no entanto, subverter as relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres na época. Considera que, por dependerem de um mercado consumidor, elas acabaram por incorporar determinadas alterações sociais, abrindo espaços para novas propostas que, embora aponte para alguns avanços, continuam reforçando valores patriarcais, transmitindo um ideal único de felicidade e enquadrando as leitoras nos padrões moralmente aceitos pela sociedade machista e androcêntrica, onde “o masculino era privilegiado e tudo aquilo que se referia ou era considerado feminino ocupava uma posição subordinada”. (PINSKY, 2014, p. 378)